



Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida
sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico,
incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de
informação sem o consentimento prévio, por escrito,
do proprietário.

Um agradecimento a Kate Wheeler

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Monster Calls*

Autor: Patrick Ness

A partir de uma ideia original de Siobhan Dowd

Texto © 2011 Patrick Ness

Ilustrações © 2011 Jim Kay

Edição publicada por acordo com

Walker Books Limited, 87

Vauxhall Walk, London, SE11 5HJ

Todos os direitos reservados

Citação de *An Experiment in Love*, de Hilary Mantel,
reproduzida sob autorização de HarperCollins Publishers

Ltd. © Hilary Mantel 1995

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Ana Cristina Pais*

Ilustrações: *Jim Kay*

Composição: *Ana Sena*

Impressão e acabamento: *Multitipo*

- *Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal nº 386 147/14

1ª edição, Lisboa, fevereiro, 2015

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

NOTA DO AUTOR

Não cheguei a conhecer Siobhan Dowd. Conheço-a apenas da forma como a maioria dos leitores a conhecerão: através dos seus magníficos livros. Quatro romances eletrizantes para adolescentes, dois publicados em vida, dois após a sua morte prematura. Se ainda não os leram, têm de o fazer imediatamente.

Este teria sido o seu quinto livro. Tinha as personagens, uma premissa e um começo. O que não teve, infelizmente, foi tempo.

Quando me perguntaram se não queria pensar em transformar o trabalho dela num livro, hesitei. O que não faria – o que não *podia* fazer – era escrever um romance que copiasse o registo dela. Isso seria prestar-lhe um mau serviço, a ela, ao leitor e, acima de tudo, à história. Não me parece que a boa literatura possa funcionar dessa maneira.

Ora uma coisa que as boas ideias têm de bom é que geram outras ideias. Quase sem eu querer, as ideias de Siobhan inspiravam-me novas ideias, e comecei a sentir aquele bichinho pelo qual todos os escritores anseiam: começar a pôr as coisas por palavras; enfim, contar uma história.

Senti – e sinto – como se me tivessem passado o testemunho numa corrida de estafetas, como se uma escritora de grande talento me tivesse dado a história dela e dito: «Força! Vai em frente. Faz acontecer». E foi isso que tentei fazer. O meu único critério foi: escrever um livro que eu achasse que Siobhan iria gostar. Não havia nenhum outro critério que realmente importasse.

E agora chegou o momento de passar o testemunho a todos vós, leitores. As histórias não acabam nos escritores, independentemente de quantos tenham iniciado a corrida. Eis o que Siobhan e eu imaginámos. Portanto força. Vai em frente.

Faz acontecer.

Patrick Ness

Londres, fevereiro de 2011

PARA SIOBHAN



A dark, high-contrast black and white photograph. The background is a textured, mottled grey. Overlaid on this is a large, dark, intricate shadow of a tree or a dense thicket of branches. The shadow is most prominent in the upper half of the frame, with many fine, radiating lines extending downwards. The overall mood is somber and contemplative.

Lá diz o ditado que «só se é jovem uma vez», mas não será antes uma fase que perdura no tempo? Mais anos do que aqueles que conseguimos suportar.

Hilary Mantel, *An Experiment in Love*





SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE

O monstro apareceu passava pouco da meia-noite.
Como sempre acontece com os monstros.

Conor estava acordado quando ele chegou.

Tivera um pesadelo. Bem, não *um* pesadelo. O pesadelo. Aquele que, ultimamente, tinha muitas vezes. Aquele com a escuridão, e o vento, e os gritos. Aquele com as mãos que lhe escapavam, por muito que as tentasse agarrar. Aquele que terminava sempre com...

– Vai-te embora – sussurrou Conor para a escuridão do seu quarto, tentando repelir o pesadelo e impedir que o seguisse para o mundo de vigília. – Agora vai-te embora.

Deu uma olhadela ao relógio que a mãe colocara na mesa de cabeceira. 0h07. Sete minutos depois da meia-noite. O que era tarde para uma noite com escola no dia seguinte. Tarde, com toda a certeza, para uma noite de domingo.

Não contara a ninguém do pesadelo. Nem à mãe, naturalmente, nem a mais ninguém; nem sequer ao pai no seu telefonema quinzenal (mais coisa menos coisa); e *seguramente* não contara à avó, nem a ninguém da escola. Claro que não.

O que acontecia no pesadelo era algo que mais ninguém jamais precisaria de saber.

Conor olhou para o quarto, piscando os olhos estremunhado, e franziu o sobrolho. Estava a escapar-lhe alguma coisa. Sentou-se na cama, um pouco mais desperto. O pesadelo sumia-se, mas havia alguma coisa que ele não sabia ao certo o que era, algo diferente, algo...

Pôs-se à escuta, esforçando-se por distinguir algo no meio do silêncio, mas só conseguiu ouvir a casa silenciosa em seu redor, o latejo esporádico do vazio do andar de baixo ou o restolhar da roupa de cama do quarto da mãe, ao lado do dele.

Nada.

E depois algo. Algo que ele percebeu ser aquilo que o tinha acordado.

Alguém chamava por ele.

– *Conor!*

Sentiu um assomo de pânico, as entranhas a revolverem-se. Tê-lo-ia seguido? Teria, de alguma forma, conseguido sair do pesadelo e...?

– Não sejas parvo – disse para si mesmo. – Já és muito crescido para acreditares em monstros.

E era. Ainda no mês passado fizera treze anos.

Os monstros eram coisa de bebés. Os monstros eram coisa de quem ainda fazia chichi na cama. Os monstros eram coisa de...

– *Conor!*

Lá estava outra vez. Conor engoliu em seco. Aquele mês de outubro estava a ser invulgarmente quente e a janela do quarto estava aberta. Talvez as cortinas a bater umas nas outras com a leve brisa pudessem soar a...

– *Conor!*

Pronto, não era o vento. Era, sem dúvida, uma voz, porém uma voz que não reconhecia. Não era a da mãe dele, isso era certo. Não era de todo uma voz de mulher e, num momento de loucura, perguntou-se se o pai não teria vindo de surpresa da América e chegado demasiado tarde para telefonar e...

– *Conor!*

Não. Não era o pai. Aquela voz tinha um timbre, um timbre *monstruoso*, selvagem e ameaçador.

Ouviu então o rangido intenso de madeira lá fora, como se algo gigantesco estivesse a andar sobre um soalho de madeira.

Não queria ir ver. Porém, ao mesmo tempo, havia uma parte dele que estava mortinha por espreitar.

Agora completamente desperto, atirou a roupa para trás, saiu da cama e foi até à janela. À meia-luz pálida da lua, vislumbrou distintamente a torre da igreja no cimo da pequena colina por trás da casa dele, contornada pelos carris dos comboios, duas linhas de aço duro que resplandeciam sombriamente no meio da noite. A lua incidiu igualmente sobre o cemitério contíguo à igreja, cheio de lápides que já mal se conseguiam ler.

Conor avistou igualmente o grande teixo que se erguia no meio do cemitério, uma árvore tão antiga que quase parecia ser

feita da mesma pedra que a igreja. Só sabia que era um teixo porque a mãe lhe dissera, a primeira vez quando era pequeno, para se certificar de que não comia as bagas, que eram venenosas, e novamente no ano anterior, quando começara a olhar pela janela da cozinha com uma expressão estranha no rosto e a dizer:

– Sabes, é um teixo.

E depois ouviu novamente o seu nome.

– *Conor!*

Como se lhe estivesse a ser sussurrado em ambos os ouvidos.

– *Mas que...?* – disse Conor com o coração aos saltos, subitamente impaciente pelo que quer que fosse acontecer.

Uma nuvem pôs-se à frente da lua, cobrindo toda a paisagem com um manto de escuridão, e uma *rajada* de vento soprou colina abaixo, entrando no quarto dele e fazendo esvoaçar as cortinas. Ouviu novamente o chiar e o ranger de madeira, a gemer como um ser vivo, como o estômago faminto do mundo a dar horas por uma refeição.

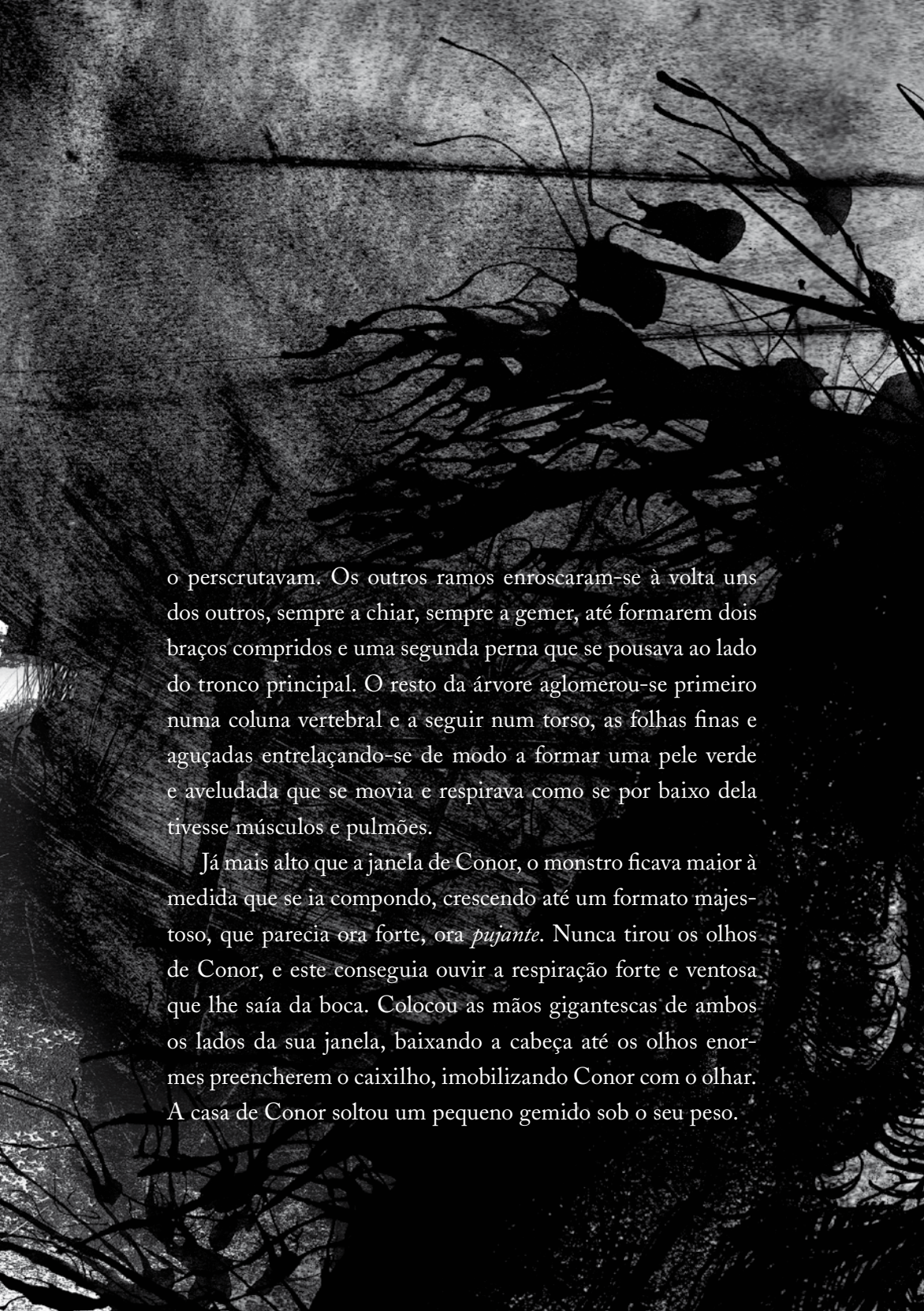
Então a nuvem passou e a lua voltou a brilhar.

Sobre o teixo.

Que agora se erguia firmemente no meio do jardim das traseiras.

E ali estava o monstro.

Diante dos olhos de Conor, os ramos mais altos da árvore juntaram-se formando uma cara grande e medonha, tremeluzindo para formar uma boca e um nariz e até uns olhos que



o perscrutavam. Os outros ramos enroscaram-se à volta uns dos outros, sempre a chiar, sempre a gemer, até formarem dois braços compridos e uma segunda perna que se pousava ao lado do tronco principal. O resto da árvore aglomerou-se primeiro numa coluna vertebral e a seguir num torso, as folhas finas e aguçadas entrelaçando-se de modo a formar uma pele verde e aveludada que se movia e respirava como se por baixo dela tivesse músculos e pulmões.

Já mais alto que a janela de Conor, o monstro ficava maior à medida que se ia compondo, crescendo até um formato majestoso, que parecia ora forte, ora *pujante*. Nunca tirou os olhos de Conor, e este conseguia ouvir a respiração forte e ventosa que lhe saía da boca. Colocou as mãos gigantescas de ambos os lados da sua janela, baixando a cabeça até os olhos enormes preencherem o caixilho, imobilizando Conor com o olhar. A casa de Conor soltou um pequeno gemido sob o seu peso.







Foi então que o monstro falou.

– *Conor O'Malley* – disse ele, e um grande bafo quente e a cheirar a estrume atravessou a janela de Conor e soprou-lhe o cabelo para trás. A voz ressoou baixa e ruidosa, com uma vibração tão profunda que Conor até a sentiu no peito.

» *Vim buscar-te, Conor O'Malley* – disse o monstro, dando um empurrão na casa que fez abanar os quadros nas paredes e atirou ao chão livros, e aparelhos eletrónicos, e um velho rinoceronte de peluche.

Um monstro, pensou Conor. Um monstro de carne e osso. Na vida real... de olhos abertos. Não num sonho, mas ali, à sua janela.

Viera buscá-lo.

Porém, Conor não fugiu.

Na verdade, descobriu que nem sequer estava assustado.

A única coisa que sentia, a única coisa que *sentira* desde que o monstro se revelara, era uma desilusão crescente.

Porque aquele não era o monstro pelo qual estava à espera.

– Então apanha-me se puderes – disse ele.
